

## “NONA ARTE”: FONTE INESGOTÁVEL PARA INVESTIGAÇÕES TEÓRICAS E PRÁTICAS NA ÁREA DE LETRAS<sup>1</sup>

*“The ninth art”: an inexhaustible source for practical and theoretical investigations in Language Arts*

Natália Cristine PRADO

Universidade Federal de Rondônia

natalia.prado@unir.br

Kelly Priscilla Lóddo CEZAR

Universidade Federal do Paraná

kellyloddo@ufpr.br

O presente número especial da Revista X, intitulado “Histórias em Quadrinhos: pesquisa e ensino” traz quatorze artigos selecionados a partir de uma chamada para publicação que teve como motivação principal reunir pesquisas científicas da área de Letras que tivessem as Histórias em Quadrinhos (HQs) como um objeto de investigação científica. Obtivemos grande êxito com a campanha, pois foram submetidos mais de sessenta manuscritos sobre essa temática.

Assim, como idealizadoras deste projeto, iniciamos esse texto agradecendo aos autores que confiaram em nossa proposta e nos enviaram seus originais para avaliação. Os artigos que foram aceitos pelos pareceristas encontram-se publicados neste número. Aproveitamos também para agradecer a todos os colegas que doaram seu tempo e sua energia para que o processo avaliativo dos textos submetidos fosse o mais criterioso possível.

Foi um grande desafio finalizar essa edição, não só em virtude do grande volume de tarefas diárias que nós, como professoras universitárias, enfrentamos em nosso cotidiano, mas também pelo contexto histórico em que nos encontramos no momento em que finalizamos esta publicação e que coloca grande parte dos profissionais da área de Letras (e de outras áreas) em trabalho remoto e em isolamento social como medida preventiva para contenção da pandemia provocada por uma nova doença: a COVID-19.

Impossível ignorar essa dura realidade enquanto escrevemos esta apresentação, considerando que, além dos desafios naturais de se escrever um texto destinado ao público

<sup>1</sup> Esta apresentação também encontra-se disponível em Língua Brasileira de Sinais (Libras). Tradutor-intérprete: Ivan da Silva.

acadêmico, também estamos todos enfrentando situações muito particulares de ansiedade, de medo, de angústia e de falta de concentração, além de mudanças consideráveis em nossas rotinas domésticas e de trabalho. Mas o que esse caos (que esperamos ser) momentâneo tem em comum com o objeto desta edição? Ora, os quadrinhos, como forma de linguagem e arte, registram, brilhantemente e em tempo real, esse momento em que nos encontramos agora.

As redes sociais online, que sempre contribuíram para a divulgação do trabalho de vários quadrinistas – sobretudo, dos quadrinistas independentes, ou seja, dos que não costumam publicar nos grandes veículos de comunicação –, consolidam-se como as principais fontes divulgadoras dos trabalhos desses profissionais. Luyten (2013, p. 53) já chamava a atenção para esta tendência, considerando que

as formas de visibilidade dos quadrinhos também se transformaram com a comunicação via internet não só na divulgação dos quadrinhos de qualidade, mas na exposição de artigos, discussões em revistas acadêmicas pelos pesquisadores. A web desarmou os guetos que rejeitavam a cultura popular como lixo oferecendo mais canais tradicionais e/ou alternativos de disseminação de quantidade e qualidade.

Os quadrinhos, principalmente os que têm grande poder de síntese, como as tiras, as charges e os cartuns, são praticamente onipresentes nesses ambientes virtuais e se configuram como uma importante forma de, concomitantemente, documentar e expressar as (auto)críticas a esse momento em que vivemos, como podemos observar na figura 1.

Figura 1: Viver Dói, de Fabiane Langona.



Fonte: Folha de São Paulo, 2020.

Nesta tira, a quadrinista Fabiane Langona retrata a bolha em que vivem algumas pessoas que continuam defensoras de certos valores tradicionalmente cultivados em nossa sociedade, como a produtividade, mas que, neste momento, não parecem fazer tanto sentido (ou precisam ser ressignificados). A nova realidade imposta pelo novo coronavírus traz um grande desconforto físico e psicológico, algo que não será superado com os *likes* conseguidos a partir de postagens no *Facebook* ou no *Instagram*.

Já a tira de *Armandinho* (Figura 2), traz o pronome “ele” sem, no entanto, ter a preocupação em mencionar o referente a que esse vocábulo se refere.

Figura 2: Armandinho, de Alexandre Beck.



Fonte: Página do Facebook “Armandinho”, 2020.

O autor usa essa estratégia, considerando que o pronome “ele” recupera um referente facilmente identificável (o presidente Jair Bolsonaro) para o leitor que acompanha as notícias atuais diariamente. Mas como essa tirinha será recebida pelos leitores de um futuro mais distante? Provavelmente, esse referente terá que ser explicitado (quem sabe, em sala de aula...), ao mesmo tempo em que será necessário recuperar todo o contexto político, econômico e social em que o Brasil e o mundo (principalmente, países como a China, a Itália e os EUA) se encontravam no ano de 2020.

Os quadrinhos citados acima poderiam ser tranquilamente explorados pelas diferentes subáreas das Letras, tanto para pesquisas acadêmicas, como para uso como recursos didáticos. Essas HQs poderiam também ajudar o professor a fazer a ponte com a realidade em que vivemos presentemente e trazer o debate sobre a pandemia e suas consequências para a sala de aula. Considerando a característica multidisciplinar da linguagem dos quadrinhos, uma mesma tira pode ser objeto de diferentes áreas do conhecimento, como a Filosofia, a História, a Geografia, e render debates interessantíssimos.

Com o isolamento social, as aulas presenciais precisaram ser suspensas, o que está obrigando escolas e universidades a repensarem suas práticas de ensino em tempo recorde. Muitas instituições optaram por suspender seus calendários acadêmicos, enquanto outras resolveram oferecer aulas a distância, o que fez com que os docentes precisassem adaptar seus planos de disciplinas para essa modalidade. Portanto, o trabalho dos professores foi profundamente afetado pela pandemia e os desafios a serem enfrentados por eles também se encontram retratados em HQs que circulam na internet, como podemos ver nesta criação de Luís Cardoso (figura 3):

Figura 3: Quadrinho de autoria de Luís Cardoso.



FACEBOOK.COM/LUISCARDOSOCARTOON

Fonte: Página do Facebook “Luís Cardoso”, 2020.

Como ilustra o quadrinho, além dos desafios naturais da profissão, nesse momento de crise, os docentes também precisam lidar com os afazeres domésticos e com o convívio com a família em tempo integral enquanto trabalham em um ambiente que, muitas vezes, não estava preparado para receber um *home office*.

Essa situação acendeu um debate acalorado sobre o ensino em tempos de pandemia, também considerando as dificuldades de acessibilidade que muitos alunos, sobretudo os mais carentes, podem encontrar ao tentar realizar seus estudos por meio de ferramentas digitais. Infelizmente, ainda é cedo para saber quais estratégias pedagógicas terão sucesso nesse contexto e para quais públicos o ensino a distância emergencial poderá funcionar, mas, certamente, essa situação afetará, em muitos níveis, a maneira como as escolas e universidades formulam seus currículos e poderá antecipar algumas mudanças que já vinham em curso, como o ensino mediado pelas novas tecnologias e pela internet.

Se, por um lado, esse momento escancara a necessidade de se aprender a lidar com plataformas digitais criadas para a educação – o que exige esforço da parte de docentes e de discentes – por outro lado, traz várias inseguranças sobre o uso de ferramentas tecnológicas para mediação do ensino pela internet, que pode não funcionar tão bem para todos os alunos e todas as disciplinas. O fato é que estamos apenas no início dessa caminhada, mas esperamos que essa crise deixe claro para a sociedade que o uso das tecnologias educacionais jamais dispensará a presença de um professor bem preparado para conduzir o processo de ensino-aprendizagem.

Importante frisar que os quadrinhos podem ser explorados como ferramenta pedagógica tanto para o ensino presencial quanto para o ensino a distância e, se falamos com naturalidade sobre essas possibilidades de pesquisa e de interlocução das HQs com a educação, isso se deve à grande aceitação desses materiais pela academia e pela escola, na atualidade. Entretanto, nem sempre foi assim.

Vergueiro (2008) ilustra o longo caminho que as HQs percorreram até chegarem aos pesquisadores e professores. No Brasil, existiram basicamente três fases nesse trajeto: a rejeição, a infiltração e a inclusão. Na fase de rejeição, os quadrinhos não eram tolerados na sala de aula. Qualquer aluno que se apresentasse com esse material corria o risco de tê-lo arrancado de suas mãos, ser chamado à diretoria, ter os pais convocados para tomar conhecimento da atitude indevida e outras represálias. Nesse período, nenhum professor ousava falar em quadrinhos na escola, pois eram algo proibido. Conforme Vergueiro, Ramos e Chinen (2013, p. 6),

durante boa parte do século XX, as histórias em quadrinhos sofreram rejeição quase que generalizada por parte da sociedade, sendo alvo de preconceitos, perseguições e medidas judiciais que visavam conter ou erradicar da face da Terra qualquer produto quadrinístico. E isso ocorreu em uma proporção inigualável ao ocorrido com qualquer outra manifestação artística ou forma de expressão do conhecimento humano.

A fase de infiltração se construiu a partir das novas gerações de docentes que assumiram suas funções já trazendo um novo olhar para a relação entre quadrinhos e ensino. São profissionais à frente de seu tempo que não aceitavam ser submetidos a uma prática “caduca e totalitária” (VERGUEIRO, 2018, p.11). Aos poucos, o trabalho desses docentes proliferou e as autoridades educacionais passaram a refletir sobre os possíveis benefícios da utilização dos quadrinhos em sala de aula.

Finalmente, no momento da inclusão, que agora vivemos, as HQs já são consideradas como elemento constituinte do processo didático. Isto ocorreu por meio de diversas medidas formais, como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), promulgada em 20 dezembro de 1996, que apontava a necessidade de inserção de outras linguagens e manifestações artísticas nos ensinos fundamental e médio.

A publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), no final dos anos 1990, foi outro importante marco que possibilitou uma releitura das práticas pedagógicas aplicadas na escola, criando novo referencial a ser adotado pelos professores nos ensinos fundamental e médio. A partir daí, ocorreu a inclusão das HQs em projetos educacionais específicos, como o Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE), que incluem e distribuem para as escolas brasileiras publicações de HQs destinadas a constituir um acervo para uso dos professores em suas práticas didáticas.

Portanto, a rejeição aos quadrinhos no Brasil parece ter ficado para trás. No campo das Letras e, mais especificamente, da Linguística, Ramos (2006), a partir dos resultados de seu estudo meta-teórico sobre o crescente interesse nos estudos sobre histórias em quadrinhos, salienta que, a partir da segunda metade da década de 90, as HQs se consolidaram como um novo objeto de estudos para essa ciência. Para mostrar essa tendência, o linguista relembra os resultados das pesquisas pioneiras de Preti (1973) e Cagnin (1975), investigações que se destacaram em um momento em que os quadrinhos eram considerados uma espécie de “lixo cultural” (RAMOS, 2006).

Os estudos supracitados, além de apresentarem um valor histórico para a área, ainda são considerados atuais em virtude da qualidade dos trabalhos realizados. Os resultados apresentados por Preti (1973), por exemplo, tornaram-se referência para o campo da Sociolinguística e da Oralidade. Já a pesquisa de Cagnin (1975), devido à sua complexidade e à sua densidade, apresenta contribuições tanto para os Estudos Literários como para Linguística, por isso ainda é considerada uma das mais completas sobre o assunto.

Dessa forma, podemos dizer que a pesquisa sobre quadrinhos na área de Letras foi marcada pelos trabalhos desses dois investigadores. Já na década de 90, a chamada

nona arte adentrou ao sistema educacional e ganhou cada vez mais espaço na academia. Ramos (2006) acredita que esse fenômeno foi motivado por dois fatores marcantes: 1) o aparecimento dos quadrinhos em exames de vestibulares e 2) a citação dos quadrinhos como práticas pedagógicas em documentos oficiais.

Contudo, embora o interesse em torno desse assunto tenha aumentado consideravelmente, a inclusão dos quadrinhos no meio acadêmico e educacional, ainda é permeada por ruídos, pois vem acompanhada com alguns preconceitos típicos do período em que as HQs ainda não eram bem aceitas como objeto de leitura, pesquisa e estudos. No entanto, a quantidade de publicações científicas sobre o assunto vem crescendo cada vez mais e é nesse contexto que apresentamos essa coletânea de artigos que tem as HQs como objeto de investigação.

O texto que abre essa edição intitula-se “A representação escrita de ruídos e de ações em charges e em histórias em quadrinhos” e traz uma discussão interessante sobre a escrita de interjeições e onomatopéias presentes nos quadrinhos. Para o linguista Luiz Carlos Cagliari, é possível reconhecer uma espécie de tradição no uso de palavras desse tipo em HQs.

O artigo “Uma análise da prosódia visual imagética na *graphic novel ‘Laços’*”, de autoria de Andressa Viana da Silva e Natália Cristine Prado, apresenta uma análise da prosódia que pode ser percebida a partir das imagens de expressões faciais e gestos que acompanham a linguagem verbal dos quadrinhos.

Os autores Beatriz Custódio Deroza e Paulo Eduardo Ramos, em estudo sobre “As diferentes terminologias da tira cômica no livro didático”, identificam uma imprecisão no conceito de “tira” em livros didáticos. Para os estudiosos, essa imprecisão terminológica tende a dificultar o ensino e o desenvolvimento atividades práticas com esse tipo de material.

Em “Norma linguística e oralidade fingida na tradução de *Persépolis*”, de Ana Cláudia Vieira Braga e Marcos Araújo Bagno, há uma análise das representações de normas por meio de exemplos do que os autores chamam de “oralidade fingida” no romance gráfico de Marjane Satrapi, traduzido do francês para o português brasileiro por Paulo Werneck.

A autora Ilka de Oliveira Mota, em seu artigo “Abordagem (mal)humorada: quadrinhos de humor em livros didáticos de inglês”, apresenta resultados de uma pesquisa que se apóia na Análise do Discurso e em estudos de Freud (1905) sobre a comicidade para refletir sobre HQs presentes em livros de inglês como língua estrangeira.

O artigo “‘Me conta qual é a desse conto’: a história em quadrinho no ensino

de línguas”, de Lívia Chaves Melo, analisa, a partir do dialogismo de Bakhtin, três personagens da Turma da Mônica e traz uma proposta de atividade didática para aulas de línguas na educação básica.

A pesquisa “Sequência didática de gêneros dos quadrinhos para o ensino de língua inglesa – possibilidades e desafios”, de Claudia Lopes Pontara e Vera Lúcia Lopes Cristovão, fundamenta-se no Interacionismo Sociodiscursivo e em outros estudos voltados aos quadrinhos e pretende explorar as possibilidades de se trabalhar com sequências didáticas e HQs.

Os estudiosos Ivan de Souza e Kelly Priscilla Lóddo Cezar apresentam uma proposta de criação de elaboração de roteiro de uma HQ bilíngue para surdos. Trata-se de um trabalho inovador no campo da acessibilidade linguística por línguas minoritárias visuais. Utilizam a língua brasileira de sinais – Libras (Lei 10436/2002) e seus artefatos culturais para abrir espaço à outras línguas de sinais no campo dos quadrinhos como por exemplo a língua de sinais terena. Além disso, apresentam as partes mais importantes do trabalho em Libras.

Já na pesquisa intitulada “A relação entre texto e imagem em *Cumbe*: uma análise da tradução do conto *Sumidouro*”, os autores Carolina Kossoski, Júlio César Monteiro e Alessandra Harden tecem uma discussão sobre a tradução de HQs a partir do romance gráfico *Cumbe*, de Marcelo D’Salete.

Os pesquisadores Eveline Coelho Cardoso e Glayci Kelli Reis da S. Xavier analisam HQs que tematizam as mortes violentas e (ainda não esclarecidas) de Marielle Franco e Anderson Gomes em “Uma flor nasceu no Rio! Papéis dos actantes na encenação narrativa em charges sobre Marielle Franco”.

O artigo “Oh! E agora? Quem poderá nos defender? Luke Cage, o herói de aluguel”, de autoria de Sonia Maria Gomes Sampaio e Mara Genecy Centeno Nogueira, analisa, à luz das teorias do Pós-colonialismo, o protagonista negro das histórias em quadrinhos da Marvel, Luke Cage, conhecido como herói de aluguel ou o herói às avessas.

Em “Incompreensão e soberba em Mafalda: a combinação entre linguagem verbal e não verbal”, os autores Diego Domingues Torres, Leandro Fernandes da Silva e Paulo Eduardo de Barros Veiga defendem que há uma íntima relação entre as HQs de Quino e a poesia.

No artigo “Quadrinizando Shakespeare: *Macbeth*, por Kate Beaton”, Marilda Lopes Pinheiro Queluz e Rebeca Pinheiro Queluz analisam a relação entre quadrinhos e o universo shakespeariano.

Por fim, o texto “Convergências entre Mulher-Maravilha e conto Maravilhoso”,

de João Pedro Fernandes Gomes e Maria Celeste Tommasello Ramos, explora o diálogo entre o conto “A pequena sereia”, de Hans Christian Andersen, e a HQ “Wonder Woman: Year One”, roteirizada por Greg Rucka e ilustrada por Nicola Scott.

Portanto, este número da Revista X oferece aos leitores artigos que apresentam pesquisas realizadas em diferentes campos das Letras e que foram escritos por pesquisadores de diversas partes do Brasil. Sabemos que as temáticas da quarentena e do enfretamento ao novo coronavírus ainda devem render bons trabalhos de quadrinistas espalhados pelo Brasil e pelo mundo, como provoca essa tira de André Dahmer (figura 4):

Figura 4: Malvados, de André Dahmer.



Fonte: Página do Facebook “André Dahmer – malvados”, 2020.

Esperamos, no entanto, que esse triste período, mais do que reafirmar a força dos quadrinhos como uma possível fonte histórica documental deste momento, com grande potencial para inspirar pesquisas acadêmicas e discussões em sala de aula, também revele o melhor de nós como seres humanos, assim, aproveitamos a oportunidade para expressarmos nosso desejo de que o mundo supere essa crise pela qual está passando. Finalmente, reforçando nosso agradecimento a todos aqueles que estão envolvidos nos vários processos prévios à publicação desta edição, desejamos uma boa e produtiva leitura!

\*Dedicamos esta edição aos quadrinistas Juan Gimenez e Daniel Azulay vítimas da COVID-19.

**RREFERÊNCIAS:**

ARMANDINHO, A. B. Página do Facebook Armandinho. Disponível em: <<https://www.facebook.com/tirasarmandinho/photos/a.488361671209144/3193002067411744/?type=3&theater>>. Acesso em 16 de abril de 2020.

BRASIL. *Lei nº 10.436*, de 24 de abril de 2002. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, 25 de abril de 2002. Disponível em: <<http://www.feneis.org.br/legislacao/Libras/Lei%2010.436.htm>>. Acesso em: 10 mar. de 2007.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: Língua Portuguesa*. Brasília, DF: MEC/SEF, 1997.

CARDOSO, L. Página do Facebook. Disponível em: <<https://www.facebook.com/luiscardosocartoon/photos/a.1943137715727080/3931898746850957/?type=3&theater>>. Acesso em 19 de abril de 2020.

DAHMER, A. Malvados. Página do Facebook “André Dahmer – malvados”. Disponível em: <<https://www.facebook.com/malvadoshq/photos/a.181209315329627/2892390667544798/?type=3&theater>>. Acesso em 18 de abril de 2020.

LAGONA, F. *Viver Dói*. Folha de São Paulo. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/cartum/cartunsdiarios/#8/4/2020>>. Acesso em 16 de abril de 2020.

LUYTEN, S.S. Implodindo preconceitos: a conduta na pesquisa das histórias em quadrinhos. In: VERGUEIRO, W, RAMOS, P., CHINEN, N. *Os pioneiros no estudo de Quadrinhos no Brasil* – depoimentos de Álvaro de Moya, José Luiz Cagnin, José Marques de Melo, Moacy Cirne, Sonia Bibe Luyten, Waldomiro Vergueiro. Criativo. São Paulo, 2013, p. 47-55.

RAMOS, P. *A leitura dos quadrinhos*. São Paulo: Contexto, 2007.

RAMOS, P. As mudanças no mercado de quadrinhos nos últimos 40 anos. Artigo presente nos *anais do XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação/ Intercom*, 2006.

RAMOS, P. *Quadrinhos na Educação – da rejeição à prática*. Waldomiro Vergueiro/ Paulo Ramos (orgs). Contexto. São Paulo. 2009.

VERGUEIRO, W, RAMOS, P., CHINEN, N. *Os pioneiros no estudo de Quadrinhos no Brasil* – depoimentos de Álvaro de Moya, José Luiz Cagnin, José Marques de Melo, Moacy Cirne, Sonia Bibe Luyten, Waldomiro Vergueiro. Criativo. São Paulo, 2013.

VERGUEIRO, W. A linguagem dos quadrinhos: uma “alfabetização” necessária. In: RAMA, Ângela; VERGUEIRO, Waldomiro. (Orgs.). *Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2010.

VERGUEIRO, W. Uso das HQs no ensino In: RAMA, Angela.; VERGUEIRO, Waldomiro. (Org.). *Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2010.

VERGUEIRO, W; RAMOS, P (Orgs). Os quadrinhos (oficialmente) na escola: dos PCN ao PNBE. In: VERGUEIRO, Waldomiro; RAMOS, Paulo. *Quadrinhos na educação*. São Paulo: Contexto, 2009.